

**UMA VISÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE ENSINAR
E APRENDER INCLUSÃO COM MAURÍCIO DE SOUSA**

Eva Mara Caetano (UEMS)

evamaracoelho@gmail.com

Karine Albuquerque (UEMS/UFMS)

karinea1987@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

nataniel@uems.br

RESUMO

A *Turma da Mônica* introduziu a questão da inclusão em algumas histórias especiais, com a finalidade de instruir as crianças de um modo simples e divertido. Através de seus quadrinhos, já foram iniciadas diversas campanhas com personagens com deficiência que sugerem a inclusão e a diversidade. Nesse sentido, o presente artigo objetiva discutir a relevância de introduzir o tema no espaço escolar, recorrendo aos quadrinhos de Mauricio de Sousa como instrumento metodológico. Tomamos por referencial teórico Campbell (2009), Gomes e Abrão (2014), Vergueiro (2009) seguindo a vertente da sociolinguística. Os quadrinhos em questão possibilitam a relação de alteridade que nos permite vislumbrar, no processo de ensino aprendizagem, a conscientização para uma sociedade de fato inclusiva. Inclusão que deve abranger não somente as crianças com dificuldades físicas ou cognitivas, como também as crianças ditas normais que têm a dificuldade de aceitar a inclusão na sala de aula e na sociedade, tomamos como referencial teórico Carvalho (2002) e os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1999; 2000).

Palavras-chave: Inclusão. Turma da Mônica. Sala de aula.

1. Introdução

Atualmente inclusão virou um tema recorrente: na sociedade, na política, na escola, no trabalho, etc. Mas nem sempre o termo da palavra tem sentido quando aplicado com pessoas e muito menos exercido.

A inclusão percorre caminhos cheios de desafios para atender às diferenças na educação e desafios para e enfrentar as diferenças físicas, mentais, afetivas, socioculturais, o preconceito, as dificuldades, suporte pedagógico especializado e diferenciado.

Na escola não é diferente há preconceitos, dificuldades, despreparo profissional, existem barreiras arquitetônicas e atitudinais para realizar a prática escolar de incluir, como a resistência de muitos professores em mudar suas práticas educativas.

Para reforçar e contribuir com a inclusão e reverter à resistência em relação ao assunto e a aceitação dos deficientes em ambientes escolar há vários recursos a serem usados pelo professor, um deles é a representação da inclusão nas obras de Mauricio de Sousa, e seus personagens de caráter social provendo a inclusão e a diversidade.

2. A história da inclusão

O movimento mundial pela inclusão luta para que todos os alunos tenham o direito de ficarem juntos estando em grupos que os aceite, respeite, com todos tendo os mesmos direitos e recebendo as mesmas oportunidades diante da vida. Visualizando as dificuldades das escolas e as praticas discriminatórias cria alternativas para supera-las.

A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos tenham suas especificidades atendidas. A fim de promover uma educação de qualidade há todos os alunos.

Mas nem sempre esse foi o objetivo da inclusão, pois a educação Especial foi se organizando sempre de maneira assistencial, fato que contribui para o isolamento da vida escolar e de crianças com deficiência.

“Campanhas” iniciadas pelo poder público em 1957 com objetivo de atender a cada uma das deficiências. Mesmo ano em que ocorreu a Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro – CESB, e a instalação do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES.

Quinze anos após foi constituído pelo MEC o Grupo-Tarefa de Educação Especial que conduziu por anos a inclusão em suas mãos.

Esse grupo fundou a APAE, o objetivo dos pais era de se organizarem em associações especializadas, administradas por eles, com o objetivo de buscar parcerias e ações que para garantir a esses alunos o respeito às suas conquistas de estudar em escolas regulares foi definida assim a inclusão de crianças deficientes em ambiente e escolas regulares.

Com isso os alunos que estão nas classes especiais, na grande parte dos casos são crianças sem de laudos de profissionais competentes, e, estão ali pelo simples fato de não conseguiam o mesmo rendimento de seus colegas ou por serem indisciplinados, mas havia crianças realmente deficientes que começaram a ser inclusos.

A inclusão ganhou força no final dos anos 80 e início da década de 90, com a declaração de Salamanca (1994) que ocorreu em Espanha, com o foco em crianças com necessidades especiais. A declaração diz:

As crianças têm direito fundamental à educação e deve ser dada a oportunidade de obter e manter um nível adequado de conhecimento.

Os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenha em vista toda a gama dessas diferentes características e necessidades.

Pois as pessoas com necessidades educativas especiais devem ter acesso à escola regular que seja capaz de sanar suas necessidades.

Com isto as escolas regulares, tendo uma visão integradora, tornam-se eficazes de combater as atitudes discriminatórias, assim criando comunidades acolhedoras e construindo uma sociedade integradora. (UNESCO, 1994).

Cujo objetivo inicial era o de unir o ensino especial com o regular; porém só passou a ser discutido e após a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, realizada em Salamanca (1994) o país firmou o compromisso de reformular seu sistema de ensino, garantindo a inclusão, através do acesso de pessoas com necessidades educativas especiais no universo da escola comum, garantindo o direito de todos à educação de qualidade.

Apesar da garantia a inclusão de alunos deficientes em sala regular, existem transgressões deste direito e algumas instituições não estão praticando por falta de um controle efetivo dos pais, das autoridades de ensino e da falta de mobilidade e acessibilidade.

Outra mudança foi à nomenclatura – "alunos excepcionais", para "alunos com necessidades educacionais especiais", aparece em 1986 na Portaria CENESP/MEC nº 69.

A troca de nomes, contudo, foi relevante perante a interpretação dos quadros de deficiência e mesmo no enquadramento dos alunos nas escolas. Atualmente o MEC adota o termo “portadores de necessidades educacionais especiais – PNEE ao se referir a alunos que necessitam de educação especial”.

Mesmo que a inclusão tenha evoluído historicamente ainda há muitos desafios e objetivos a serem conquistados como: esclarecer a população escolar sobre as deficiências e seus portadores, criar ambientes

com acessibilidades, professores capacitados a lidar com as limitações do aluno, materiais que possibilitam a melhor aprendizagem e compreensão dos alunos com deficiência.

Segundo Mantoan:

(...) Mudar a escola é enfrentar muitas frentes de trabalho, cujas tarefas fundamentais a meu ver são as que seguem: recriar o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos; reorganizar pedagogicamente as escolas, abrindo espaços para a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico entre os professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania; garantir aos alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segregue e que reprove a repetência; formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções. (2006, p. 41-42).

Através da conscientização, o diálogo, a solidariedade e a criatividades de todo o grupo escolar e a valorização do professor é que se dá início a uma educação sem exclusão e exceções.

3. *Maurício de Sousa e a inclusão*

A inclusão está presente nas histórias em quadrinhos com personagens de conhecimento mundial como: Matt Murdock, o advogado cego que encarna o Demolidor, ou ainda o lendário Charles Xavier, o professor paraplégico com poderes psíquicos imbatíveis e líder dos X-Men.

No Brasil Maurício de Sousa, criador de personagens que divertem, educam e inspiram a imaginação de adultos e crianças há mais de 50 anos, também traz a inclusão. Ele que em 1959 criou seu primeiro personagem o cãozinho Bidu, logo veio outras personagens como: Franjinha, cebolinha, Piteco, Chico Bento, Penadinho, Horácio, Raposão, Astronauta, Mônica, Magali, totalizando 116 personagens.

Em 1970 lançou a Turma da Mônica, hoje líder em vendas no Brasil, quando o assunto é revista em quadrinhos.

Ao longo dos anos as histórias de Maurício de Sousa ganham novas personagens e algumas delas foram crianças com deficiência com o propósito de aproximar o leitor aos vários tipos de deficiência e assim a aceitação das mesmas.

Em entrevista dada ao blog da jornalista Ângela Becker, sobre suas personagens deficientes, Maurício de Sousa diz:

(...) Justamente por entender que se pode educar por meio das histórias em quadrinhos, resolvi criar personagens portadores de deficiência para exercitar a inclusão no meio dos nossos personagens. Os personagens novos, portadores de deficiência, devem ensinar muita coisa à turminha. Principalmente [na área do relacionamento humano].

Ângela Becker diz justamente o que Mauricio de Sousa afirma em algumas entrevistas, a função social das personagens com deficiência nas histórias em quadrinhos.

4. Personagens de Maurício de Sousa com deficiência

As histórias de Mauricio de Sousa ganham personagens com deficiência que deram vida a alguns de seus gibis. Em entrevista dada por ele na 3^o Conferencia Nacional dos direitos da pessoa com deficiência, diz:

(...) A turma da Mônica é um grupo de personagens que vive e age como nossos filhos ou conhecidos, e todos nós temos amigos com algum tipo de deficiência, num convívio harmônico e dinâmico. Aprendemos as regras da inclusão aí. Conseqüentemente, não poderíamos deixar de apresentar, no universo dos nossos personagens, amiguinhos da turma que também tivessem deficiências. Até “acho que demorei muito para perceber esse vazio nas nossas histórias”.

Mauricio de Sousa em sua entrevista comenta sobre as personagens inclusas e como as mesmas convivem de maneira normal e harmoniosa com as outras personagens, e essa é um dos ensinamentos de suas histórias.

Seus personagens com deficiência são:



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/luca>>.

Luca, garoto cadeirante, que ama muito esporte principalmente basquete, participa das histórias e apronta todas, com seus coleguinhas e

até leva coelhada, apesar de a Mônica ter uma quedinha por ele.

Inspirado na alegria, determinação e força dos atletas paraolímpicos.

Nas histórias em que ele está é narra de forma engraçada algumas situações que passa devido à falta de acessibilidade na escola, nas ruas, praças entre outros lugares.



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/humberto>>.

Esse é o Humberto, não fala, mas escuta tudo perfeitamente se comunica em balões de fala com a mão, e murmúrios "hum-hum" com a tentativa de expressar verbalmente, apronta muitas confusões.



Fonte: <<http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Tati>>.

Tati, seu nome verdadeiro é Tatiana, ela tem síndrome de Drown, aparece sempre em propagandas ao lado de Luca.



Fonte: <<http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Andr%C3%A9>>.

Esse é o André tímido e quieto sempre de camisa laranja, sapatos azuis.

Tem um universo só dele, fala pouco, somente o essencial.



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/dorinha>>.

Dorinha foi a primeira personagem deficiente do desenhista Mauricio de Sousa. Estreou na edição nº 221 do gibi da Mônica, editora Globo em 2004.

Uma garotinha deficiente visual, que está sempre na moda, muito simpática e atenta a tudo que ocorre a sua volta, sempre surpreendendo seus amigos com seu olfato, tato e audição aguçados.

Dorinha foi inspirada em Dorina Nowill, fundadora da Fundação Dorina Nowill, referência em assistência à pessoa com deficiência visual. Falecida em 2010.

5. Os quadrinhos de Mauricio de Sousa como instrumento metodológico

As histórias em quadrinhos constituem um gênero discursivo secundário que aparecem de forma verbal e não verbal, que constituem o mesmo sistema linguístico de maneira unida e autônoma, assim dando sentido ao contexto com o propósito de promover a inclusão, pois de acordo com Almada e Gomes.

(...) por ter caráter globalizado, os quadrinhos transmitem em todas as áreas do conhecimento interligando-as facilitando assim a sua utilização em sala de aula com o propósito de conduzir um trabalho interdisciplinar que favoreça os alunos no tocante ao cognitivo.

A imagem tem propriedades em comum com a língua, e ambas precisam ser compreendidas, sendo que a língua é limitada e a imagem não tem limites. Segundo Vergueiro

[...] há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano das crianças e jovens sua leitura é muito popular entre eles. A inclusão das HQs na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que, em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades em aula. As histórias em quadrinhos aumentam a motivação dos estudantes para o conteúdo das aulas, aguçando sua curiosidade e desafiando seu senso crítico VERGUEIRO (2010, p. 21).

A interpretação das linguagens está ligada com a cultura, com o histórico e com o contexto social do aluno leitor.

No código icônico temos os espaços, as cores, a imagem e através dele o desenhista da expressão e a consumição a mensagem usando sua criatividade.

Ambas são de grande importância para o ensino, pois segundo Vergueiro: “pode-se dizer que o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino”. (VERGUEIRO, 2004, p. 26).

Por ser atrativa e mexer com o imaginário da criança as histórias em quadrinhos aborda vários assuntos um deles é a inclusão, como acontece nos quadrinhos de Mauricio de Sousa com personagens deficientes e mensagens de inclusão e acessibilidade, já que seus personagens precisam de mobilidade para interagir com seus colegas durante a história.

Outro ensinamento que é passado é como os personagens intera-

gem entre si, mostrando que a cadeira de roda, a falta de visão a deficiência auditiva, não os atrapalha as personagens de aprontar, brincar, viver as coisas dos dia a dia, nem mesmo do Luca mexer e provocar com a Mônica, que tem uma caidinha por ele.

Nas histórias em que aparece deficiente há todo um cuidado como marca da cadeira de rodas do Luca na grama, espelhos e pias adaptados, o cão guia de Dorinha, que é deficiente visual. É assunto que mostra que a criança deficiente tem as mesmas condições de aprender, brinca e aprontar do que as outras crianças, como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade: Ninguém é igual a ninguém.

Segundo Mauricio de Sousa em uma entrevista da Agência caixa de notícias diz: “(...) O segredo é mostrar que elas são crianças como qualquer outra sem deficiência. E gostam de serem tratadas dessa forma, integrados”.

É isso que as crianças tem que enxergar e aprender que todos são iguais, mesmo que tenha alguma necessidade especial, é o que traz os gibis e as personagens da turma da Mônica.

6. *A Turma da Mônica aprendendo e ensinando inclusão com Dorinha*

Na história em quadrinho com título “Dorinha a nova amiguinha” da edição nº 221, da revista Mônica, novembro de 2004, mostra de maneira positiva a amizade, as brincadeiras e a troca de experiência entre as personagens.

Narra chegada de Dorinha e seu cão guia de nome Radar, no momento em que todos da turma brincam de cobra cega.

Dorinha logo faz amizade e demonstra saber o nome de todos e quando é questionada por saber o nome de todos, diz: estava logo ali, vendo vocês brincarem.

Cebolinha aproveitando o dia ensolarado que faz mostra o desenho que fez para Dorinha, mas logo pede desculpa, dizendo ter esquecido que ela não enxerga, a garotinha rebate dizendo: eu só não enxergo, mas posso sentir cheirar e ouvir e imaginar.

No final toda a turma descreve a beleza do dia para Dorinha, que diz acreditar neles.

Dorinha veio para ensinar os amigos a enxergar o mundo.



Fonte: http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_quadrinho=personagem



Fonte: http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_quadrinho=personagem



Fonte: http://turmadamonica.uol.com.br/quadrinhos/?tg_quadrinho=personagem

7. *Dorinha e seus ensinamentos em sala de aula*

Dorinha é uma criança bem resolvida com a limitação que possui, ela sabe lidar com as situações de mobilidade, acessibilidade e o preconceito. Assim aproxima o leitor a sua realidade de cega, de uma maneira bem humorada, mostrando que é autoconfiante, está sempre na moda, com seu corte de cabelo moderno e suas roupas *fashion*.

Dorinha mostra aos colegas que é uma criança igual às outras ditas normais, tem as mesmas capacidades, gostos e vontade, a única diferença é que não enxerga, mas escuta, fala, anda, corre e interage com os

colegas de uma forma normal.

Nas histórias que a Dorinha aparece permite ao leitor ter a visão real das vontades e das limitações de uma criança com deficiência, reduzindo a discriminação e as diferenças, contribuindo para uma vida aceitável.

Na sala de aula essa leitura rica em imagens como: escola, parques e calçadas com acessibilidade, crianças brincando sem qualquer tipo preconceito, ajuda o professor trabalhar a aceitação das crianças com deficiência dentro e fora da sala de aula.

Por trazer personagens sempre unidas e felizes, apesar dos conflitos existentes, Mauricio de Sousa cria uma literatura humanitária, com laços de amizade e apoio mútuo, em que o importante é brincar, estudar e ser feliz, cada um de sua maneira.

8. Considerações finais

As histórias em quadrinhos passaram por grandes mudanças, ao decorrer dos anos, ganhou força, forma e características próprias, como as onomatopeias, interjeições e a diferenciação nos balões de fala.

Hoje conhecida por todo mundo além de trazer uma leitura prazerosa, pode ser usada em sala de aula, como incentivo à leitura ou como livro paradidático de importante relevância no processo de inclusão, já que existem vários personagens deficientes inclusos nas histórias.

O presente trabalho mostra a importância do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula, devido ao alto nível de informações culturais, social, humanitárias, familiares contidas nelas, transformando o aluno em sujeito crítico.

A realização do trabalho possibilita a compreensão da inclusão através de personagens deficientes nas histórias, com o foco nas personagens de Mauricio de Sousa.

Principalmente a Dorinha personagem que é cega, a fim de mostrar aos alunos como um amigo deficiente pode interagir com os demais colegas em sala de aula de maneira natural.

Assim garantido o direito a convivência de crianças com e sem deficiência em atividades e ambientes comuns, valorizando o ser humano em seu todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKE, Ângela. Disponível em: <<http://www.angelabecker.com.br>>. Acesso em: 13-03-2015.

BRASIL. *Lei nº 10.098/00*. Acessibilidade das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. Brasília, 2000b.

BRASIL, Ministério da Educação. *Parâmetros curriculares nacionais*. Adaptações curriculares: estratégias para a educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília, 1999b.

CARVALHO, L. F. Cuidar de crianças em creche: os conflitos e os desafios de uma profissão em construção. *ANPED*, Caxambu, 2002.

FUNDAÇÃO DORINA.
<<http://wdorinhaww.fundacaodorina.org.br/imprensa/na-midia/na-midia>>. Acesso em: 13-03-2015.

GOMES, Nataniel dos Santos; ABRÃO, Daniel. (Org.). *Grandes poderes trazem grandes responsabilidades*: refletindo sobre o uso das histórias em quadrinhos em sala de aula. 1. ed. Curitiba: Appris, 2014.

<<http://www20.caixa.gov.br/Paginas/Noticias/Noticia/Default.aspx?newsID=1131>>. Acesso em: 13-03-2015.

KRAMER, S. O papel social da escola pública. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, 58, agosto, 1986.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha. In: _____. *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. Valéria Morim Arantes (Org.). 2. ed. São Paulo: Summus, 2006.

_____. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2010.